

TENDÊNCIAS

Governo e mercado ainda não se entendem

Importação disparou, quando o objetivo era reequilibrar a conta de comércio externo

ROLF KUNTZ

O governo está corrigindo o Plano Real, mas não está conseguindo comandar as expectativas do mercado. A corrida dos importadores ao dólar, na semana passada, é uma prova disso. Deveria ter ocorrido o contrário. O ministro do Trabalho esteve em São Paulo, tentando convencer metalúrgicos a renunciar ao gatilho salarial. Conseguiu, mas acabou abrindo uma discussão sobre como indexar os salários a partir de julho. Tudo isso acontece quando o governo enfrenta um dos momentos mais difíceis de qualquer política: acossado pelas más notícias dos fatos consumados, como o déficit comercial de fevereiro (US\$ 1,09 bilhão), e à espera dos efeitos das novas decisões.

As medidas para frear o consumo e consertar o saldo comercial devem dar algum resultado em um ou dois meses, ninguém sabe direito. As consequências de erros antigos e recentes continuam, porém, pipocando no dia-a-dia. Na semana passada, as operações cambiais de exportação e importação foram deficitárias em quatro dos cinco dias úteis. Na sexta-feira, segundo cálculo preliminar do Banco Patente S/A, exportadores venderam cerca de US\$ 138 milhões, enquanto os importadores compraram US\$ 214 milhões (*ver quadro*).

Os importadores andaram correndo para comprar dólares, na semana passada, pelo menos por dois motivos: 1) o falatório em Brasília sobre mais restrições às compras externas — quotas, por exemplo; 2) o temor de uma desvalorização cambial mais veloz a partir de 2 de maio. As duas possibilidades foram desmentidas, mas há muita gente falando pelo governo e lançando confusão.

Em média, os importadores compraram na última semana US\$ 191,2 milhões por dia (cálculo sujeito a correção, quando sair o número final



Ari Vicentini/AE

Paiva: nível de emprego em jogo

de sexta-feira). Esse valor é bem maior que a média diária de qualquer mês anterior. A de fevereiro, até agora a mais alta, foi US\$ 178,1 milhões. Os exportadores venderam em média, na semana passada, US\$ 156,8 milhões. Em nenhum mês deste ano houve média tão baixa. A de fevereiro foi US\$ 247,8 milhões. A de março, até dia 24, pouco mais de US\$ 183 milhões.

Há algo errado com a expectativa dos empresários, pelo menos para quem aposta nas palavras do presidente do Banco Central e do ministro da Fazenda. Segundo ambos, o teto de R\$ 0,93, na banda cambial, deverá valer por prazo indeterminado, e esse prazo deve ser razoavelmente longo. O prazo de 2 de maio para alteração da banda não existe mais, pelo menos oficialmente. No mercado futuro, porém, o dólar esteve cotado, na quinta-feira, a R\$ 0,948. Na sexta, a R\$ 940,50. A cotação prevista para junho chegou a R\$ 0,978,50 na quinta e recuou na sexta para R\$ 0,973. Para julho, o mercado vem apostando em algo acima de R\$ 1. Para o período de

REAÇÃO DEMORADA		
Saldo diário do câmbio comercial (US\$ milhões)		
	Exportação	Importação
10/3	93,37	191,24
13/3	207,27	215,08
14/3	260,95	140,12
15/3	239,83	140,53
16/3	179,83	177,36
17/3	208,18	162,91
20/3	159,24	122,07
21/3	122,29	185,41
22/3	177,12	194,06
23/3	187,35	240,56
24/3	138,00	214,00

Fonte: Bacen e mercado
* Prévia

maio a julho foi prevista uma variação próxima de 9%, compatível com a taxa de juros atual, talvez pouco maior. O que parece mais significativo é a crença na ampliação da banda, como se o prazo anunciado inicialmente continuasse a valer.

Pelo menos uma novidade pode favorecer a exportação a partir desta semana. O empresário passa a ter um rebate do PIS-Pasep e da Cofins pagos na última compra de insumos. Novidade, em termos: o governo apenas começa a cumprir, com enorme atraso, o compromisso de reduzir a carga fiscal sobre a exportação. A promessa foi feita pelo ainda ministro Rubens Ricupero. Pode ser importante, mas é só um passo inicial.

Reduzir a expansão da economia, outra linha de ação anunciada, pode afetar a balança comercial de duas formas. Uma delas é frear a procura de bens de consumo. Nesse caso, a redução de importações não atrapalha o combate à inflação. A outra é desviar uma parcela maior do produto para a exportação.

Problema de abastecimento não

existe, graças à boa safra. Será até bom para o governo que os preços agrícolas parem de cair. Isso diminuirá o volume necessário de financiamento. As cotações podem até subir um pouco, sem causar inflação, se outros preços forem contidos. Isso pode ser obtido por uma firme política monetária. Se houver um controle mais efetivo dos recursos bancários, essa política ficará mais fácil. Se o Tesouro voltar a produzir superávits de caixa, melhor ainda. Nesse caso, será possível baixar os juros.

Sem esse controle, e sem a âncora cambial, não há como ter segurança contra repasses de custos. Nesse caso, é fácil cair de novo na indexação geral, com ou sem gatilho. O risco só não existe quando o governo é capaz de impor uma escolha: ou inflação baixa ou menos negócios e mais desemprego. No limite, a política será essa, disse ao *Estado* o ministro do Trabalho, Paulo Paiva. Mas só pode comandar esse jogo quem tem bons instrumentos de política econômica. Por enquanto, há um ajuste mais ou menos automático. Já se esgotou parte da demanda reprimida, o endividamento cresceu, o comércio é mais severo na concessão de crédito e a indústria parou de contratar.

■ Colaborou Salete Silva

GOVERNO
CUMPRE VELHA
PROMESSA AO
EXPORTADOR